

“Santa Catarina dá certo”: migração nordestina e negação do trabalho em tempos de extrema-direita (2020-2025)

“Santa Catarina works” : northeastern migration and denial of work in times of far-right (2020-2024)

Luiza Rios Gonçalves¹

Resumo: O artigo analisa a formação da identidade catarinense a partir do processo de imigração europeia, sobretudo com o entrecruzamento de migração nordestina, trabalho e política, com foco na ascensão da extrema direita e os usos do passado em discursos xenofóbicos contra essa população. A ascensão da extrema-direita combinada com a migração de nordestinos em busca de trabalho, colocou todos esses conceitos em intersecção, o que abriu uma frente de estudos para uma nova História de Santa Catarina do tempo presente.

Palavras-chave: extrema-direita; migração; xenofobia.

Abstract: The article analyzes the formation of Santa Catarina's identity from the process of European immigration, especially with the intersection of northeastern migration, work and politics, focusing on the rise of the far-right and the uses of the past in xenophobic discourses against this population. The rise of the far-right, combined with the migration of Northeasterners in search of work, has put all these concepts in intersection, which has opened a front of studies for a new History of Santa Catarina in the present time.

Keywords: far-right; migration; xenophobia.

Introdução

Este artigo tem por objetivo entender a formação de identidade catarinense, através da interseccionalidade entre raça, origem e trabalho, mas sobretudo explorar como essa identidade reflete as ideias de catarinenses identificados com a extrema-direita a partir da

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: riosluiza75@gmail.com

onda de nordestinos que o estado recebe. O presente trabalho busca entender como a valorização do trabalho do imigrante europeu, ou seja, do trabalhador branco, corrobora com estereótipos preconceituosos sobre trabalhadores do nordeste, principalmente em tempos de migração contínua para o estado e da ascensão do conservadorismo.

O historiador francês Marc Bloch, acreditava que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (Bloch, 2002, p. 65), sendo assim, para entender de modo generalizante a identidade catarinense, é necessário compreender o processo de colonização do estado, ainda que possa parecer um apego ao ídolo das origens, de Marc Bloch, o entendimento do passado garante certas conexões com o presente e balanceamento dos dois tempos (Ibidem), não perdendo de vista as mudanças de conjunturas e não menos as permanências na atualidade.

De certa forma, temas de imigração e identidade têm conexões com o presente. A ciência histórica tem se aproximado do tema da imigração recente através de diversos ramos como a História Oral e do Tempo Presente, através dos conceitos de identidade, territorialidade, estigma, e pelos campos da História do Trabalho (Weber, 2018, p. 4). No caso de Santa Catarina, a ascensão da extrema-direita combinada com a migração de pessoas em busca de trabalho, colocou todos esses conceitos em intersecção, o que abriu uma frente de estudos para uma nova História de Santa Catarina do tempo presente.

Desenvolvimento

A imigração alemã se deu por iniciativa do estado brasileiro em 1818, através da concessão de pequenas propriedades. A concentração desses imigrantes no sul do Brasil (Seyferth, 1994, p. 11), aconteceu devido aos problemas fundiários dessa região, ou seja, poucas terras ocupadas - ainda que existisse indígenas e sertanejos nelas - o sul precisava de povoamento ‘racional’ (Ibidem). A partir daí, se inicia um processo de construção de identidades coletivas, uma crescente desumanização - já posta, tendo em vista, que os colonos vieram para povoar e embranquecer o país - das populações nativas e dos brasileiros, que se tornaram um empecilho no caminho do sucesso dos brancos (Della Flora, 2024, p. 40).

A então, a organização comunitária das colônias e a consequente omissão por parte do poder público em garantir a sobrevivência delas, são questões chave para parte da formação identitária dos colonos e de seus descendentes (Seyferth, 1994, p. 14). Ao mesmo tempo em que era na convivência com os brasileiros, que os alemães e teuto-brasileiros, foram cada vez

mais se diferenciando e reiterando suas identidades e raízes. Ainda assim, os imigrantes tinham suas diferenças entre si, o professor João Klug, acredita que há uma falsa ideia de unicidade étnica alemã, pois em determinadas localidades, a diferença religiosa gerou embates entre alemães e teuto-brasileiros (Seyferth, 1994, p. 14).

No caso dos italianos e ítalo-brasileiros - que ficaram concentrados na região sul, Vale do Itajaí, principalmente após 1875, com a política migratória financiada pelo Brasil e no Oeste catarinense, efetivamente só em 1916 com a assinatura do acordo de limites do Paraná² - foi um pouco diferente a experiência. Considerando que havia pouco tempo desde a unificação italiana, o que contribui para a própria visão dos recém chegados colonos sobre suas próprias identidades, muitos não se enxergavam como ‘italianos’, mas preferiam ser identificados com sua região de origem (Silva, 2010, p. 28). De certa forma, italianos e alemães, e seus descendentes, não se viam como iguais entre si e menos ainda com os brasileiros ao seu redor, ainda que o processo de socialização de costumes vá acontecer.

Com o passar do tempo, os teuto-brasileiros e os ítalo-brasileiros construíram diferenças e especificidades nas suas experiências e culturas, em comparação com os colonos europeus. Durante o Estado Novo, houve um choque entre a ideia pluralista dos teuto-brasileiros com a ideia brasileira do princípio territorial: “quem nasce no Brasil é brasileiro”, e esses descendentes se viram abarcados numa campanha rígida de nacionalização com ideal assimilacionista, que aos poucos separou a dicotomia comunidade étnica vs. cidadania político-econômica. No caso dos ítalo-brasileiros, a perseguição foi a mesma.

Em uma entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais de Adriano Tormena, um dos fundadores do movimento separatista ‘O Sul é meu país’, Celso Deucher, se utilizou da política feita no Estado Novo para argumentar sobre o sentimento sulista:

O sentimento separatista sempre esteve no sangue sulista, e na década de 30 o Getúlio resolveu “abrasileirar” nós tudo com a língua, os costumes, as tradições, a incursão forte da cultura chamada brasileira no sul para não permitir que o sul não se transformasse em outra coisa. Porque havia um outro movimento cultural no sul que apontava para uma outra nação. O sul tinha muito mais contato com a Europa do que com o Brasil, mais contato com a Alemanha, Itália, França, Espanha do que com o Brasil. Falávamos todas essas línguas o que ele fez (Getúlio) abrasileirou todos com o mesmo idioma³.

² Para saber mais sobre o acordo ler: HEINSFELD, Adelar. Fronteira Brasil/Argentina: a questão de Palmas de Alexandre Gusmão a Rio Branco. São Paulo: Méritos, 2007.

³ Deucher, Celso. Entrevista sobre ‘O sul é meu país’. Entrevistador: Tormena, 2018, p. 41.

É possível inferir, então, que o processo de opressão do Estado Novo, falta de assistência aos primeiros colonos do governo brasileiro, juntamente com o isolamento das colônias podem ser um dos motivos para o crescente apego às colônias e a criação de uma identidade passada de geração a geração, da ideia de europeidade. No entanto, não é possível justificar casos de preconceito na contemporaneidade com base no tempo de opressão sofrido pelos imigrantes e descendentes.

O Estado de Santa Catarina cultua e mantém a ideia de europeidade como característica primordial de sua cultura, além disso a outra ‘qualidade’ mais reiterada nos discursos é a de ‘povo trabalhador’. De certa forma, não é possível pensar numa unicidade de identidades em Santa Catarina, nem no passado e tampouco hoje, mas nesse caso, é uma escolha estudar o estado em sua totalidade, mesmo que haja diversas diferenças. A memória da imigração reverberada, hoje, de uma unificação de colonos e da própria colonização é uma construção coletiva “sendo permanentemente refeita e readaptada à medida que os eventos são compartilhados e mantidos no imaginário do grupo de modo a produzir o pertencimento àquela coletividade que se mantém coesa por vínculos de afeto (Della Flora, 2024, p. 37).

A memória de acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles vividos ‘por tabela’, fazem parte da constituição de uma memória coletiva, ainda que alguns sujeitos não tenham experienciado o episódio. O historiador austríaco Michael Pollak (1992) afirma que a ideia de grupos construir caminhos para passar as memórias aos descendentes, gerando neles uma espécie de ‘memória herdada’, é perfeitamente possível e cria uma identificação com o passado, bem como com o próprio coletivo (Pollak, 1992, p. 2).

O mesmo acontece com os sujeitos ‘descendentes’ de europeus em Santa Catarina. Há um resgate e uma memória dos antepassados muito idealizada, ainda que muitas dessas pessoas sejam, talvez a quarta, quinta ou sexta geração de brasileiros. Michael Pollak (1989) relaciona a memória coletiva como o lugar de coesão e referência de um certo grupo:

que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes [...] Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum (p. 9).

No que diz respeito à questão da colonização, principalmente de italianos e alemães, os pensamentos, credos e memórias originados a partir delas, sobretudo, parecem ser bem homogêneos atualmente. Como explica a professora Cristina Wolff, a identidade europeia construída é reforçada pelos governantes e pelo setor turístico do estado (Wolff, 2003, p. 40) na contemporaneidade, porque claramente há um processo de interesse de reverberação de

uma unicidade de origem europeia, ainda que ela tenha se construído a partir de divergências e genocídios entre os primeiros colonos e os indígenas, escravizados e caboclos.

Os sujeitos não brancos, simplesmente, não fazem parte da História oficial catarinense, o homem branco é visto como o ponto de partida da ‘civilização’ (Goulart, 2007, p. 71). Nos dias atuais, o homem branco ‘catarinense’ é sobretudo o motivo do sucesso econômico do estado. O artigo discute, menos sobre a origem dessas ideias, que já foi discutido no capítulo anterior sobre formulação de identidade, e mais sobre a intersecção de identidade, trabalho e migração, e como eles influenciam, no presente e passado recente, os discursos da extrema direita contra outros brasileiros.

Segundo, Eni Orlandi em seu livro “Análise do Discurso” (2005), historiadora sistematiza a teoria e metodologia da análise do discurso, propondo meios de interseccionar história, ideologia e linguagem para compreender os efeitos de sentidos de diferentes discursos. Em uma determinada parte do livro, a autora explica sobre a ideia de “condições de produção” que é a relação do dizer para com a exterioridade do sujeito (p. 30). Sendo assim, as condições de produção de certa forma moldam não somente o conteúdo do discurso mas, também, os efeitos de sentido dele e suas marcas históricas. Eni Orlandi (2005) afirma então que: “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (p. 30).

Um exemplo da importância das condições de produção nos discursos foi a entrevista do atual governador de Santa Catarina, Jorginho Mello, na abertura da 40ª edição da Festa Pomerana, em Pomerode, onde ele afirmou que a cidade “se destaca pela cor da pele das pessoas”. Pomerode é uma cidade cuja composição populacional é 80% branca, segundo matéria do site G1 (Borges, 2025). A menção a cor da pele não é à toa, as circunstâncias da fala também não, se levarmos em consideração as condições que o governador estava inserido: uma festa alemã em uma cidade majoritariamente branca, em um Estado que historicamente se construiu sob a imagem de Europa brasileira.

No entanto, apesar da surpresa e revolta com a fala do governador, nos últimos anos a influência da extrema-direita e da própria figura de Bolsonaro realçou os discursos com teor racista, o encobrindo sob a ideia de luta política (Souza, 2024, p. 132). Longe de ser um fenômeno dos últimos cinco anos, a ascensão da extrema-direita em Santa Catarina é um processo difícil de datar o início, mas factível de identificar e sentir atualmente. No entanto, se fosse possível identificar um marco, seriam as manifestações de 2013 que segundo Singer (2013, p. 24) em “certo momento [...] adquiriram tal dimensão e energia que ficou claro estar

ocorrendo algo nas entranhas da sociedade, algo que podia sair do controle. Mas nunca restou nítido o que estava acontecendo”.

Naquele contexto, o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro se destacou como uma das lideranças políticas ao ser elogiado por páginas da internet, o político ganhou milhares de seguidores e nas eleições de 2014 se consagra como o deputado federal mais votado do Rio de Janeiro. (Silva, 2021, p. 93). A partir de 2016, no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, o crescimento de Bolsonaro aumenta principalmente por conta de seu discurso no momento de votação na Câmara (ibidem, p. 94). Em 2018, Bolsonaro é eleito presidente da República.

Apesar dessa ‘trajetória’ da extrema-direita ser bem simplificada e reduzida temporalmente, é importante destacar o processo que nos levou até aqui. Sendo assim, é no presente e passado recente que o artigo visa se deter, especificamente nos anos entre a eleição de Bolsonaro, em 2018, e o penúltimo ano de governo Lula, em 2025, justamente porque o crescimento do ‘extremismo’ da extrema direita foi e é tangencial.

Para entendimento do processo de construção de ideias desses grupos políticos é importante citar alguns acontecimentos – não desconexos entre si – que perpassam os últimos anos, e que constroem certo sentido de radicalização. Dentre os eventos são destaques: a soltura de Lula da prisão, as eleições de 2022, assim como a descredibilização da confiabilidade das urnas por parte da extrema-direita, a consequente derrota de Bolsonaro e todos os protestos pedindo anulação das eleições, até a culminação no ataque aos prédios públicos na Praça dos Três Poderes em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023. Pode parecer uma sequência de fatos isolados, mas se trata de um processo de ascensão das ideias extremistas de direita no mundo material, sobretudo no plano do discurso e na internet.

A externalização de ideias de pessoas ‘comuns’ e de políticos catarinenses, desde púlpitos a entrevistas, até o meio digital, que se identificam com as ideias da extrema-direita, foram permeadas de xenofobia, principalmente nos meses que sucederam as eleições de 2022, com a derrota de Bolsonaro. Santa Catarina, que em suas origens é um Estado com forte imigração de muitas pessoas que procuravam uma vida melhor, nos últimos anos viu a intensificação de discursos contra migrantes nordestinos, justamente porque o Nordeste, nas eleições de 2022, se construiu como um reduto do Partido dos Trabalhadores, e de eleitores de Lula.

No livro “O Pobre de Direita”, do sociólogo Jessé Souza, o autor afirma que o preconceito regional não é puramente regional já que “ninguém odeia ninguém pelo acaso de nascer geograficamente em outro lugar. A simples geografia produz ódio. Assim o

preconceito regional está sempre no lugar de outra coisa - da qual não se pode dizer o nome” (2024, p. 84-84). Sendo assim, na argumentação de Jessé a xenofobia contra nordestinos esconde outro ponto, o do racismo (ibidem).

Em uma matéria jornalística feita pela ND+ sobre a investigação do MPSC acerca de ataques a nordestinos em Santa Catarina, após o primeiro turno das eleições de 2022, há o caso de uma empresária do ramo da contabilidade, moradora de Itapema, que postou um vídeo expressando sua indignação com o país e pede aos empresários catarinenses que não contratem pessoas da ‘Bahia’ para trabalhar no estado catarinense. Em seguida, ela ainda complementa - conforme transcrição do jornal - revoltada que “o que mais tem é carteira de trabalho que a gente assina desses desgraçados desses nordestinos que passam fome lá e que vêm para cá vender rede na praia, pedir emprego e dormir na frente dos nossos estabelecimentos” (Redação ND, 2022).

A busca por trabalho é na maioria das vezes o motivo da migração desses brasileiros (Weber, 2018, p. 14) mas o que acontece em Santa Catarina é uma certa recusa ao trabalho dos migrantes nordestinos. O sociólogo Jessé Souza se pergunta em seu livro “O Pobre de Direita”, “será que o fato do Nordeste possuir o maior número relativo de pessoas negras e mestiças não teria algo a ver com esse ódio de outro modo incompreensível?” (2024, p. 85).

Não que o fenômeno da diferença cultural se intensifique porque há disputa por postos de trabalho e por recursos (Cohen, 1996, p. 372), no caso do estado catarinense, a recusa e até preconceito se dá por diferenças políticas. Há uma intrínseca relação entre trabalho, migração e política, por consequência, de certa forma a representação social desses migrantes nordestinos se alterou com a mudança política/econômica (Weber, 2018, p. 9). Longe de ser um fato isolado, a xenofobia contra nordestinos parece ser o resultado das insatisfações e divergências políticas, além do racismo, não somente no Estado catarinense. Segundo dados da Central de Denúncias da Safernet, ONG que defende os direitos humanos na web, em 2022 foram registradas 10.686 queixas do crime de xenofobia contra nordestinos na internet, alta de 874% em comparação com 2021 (g1, 2021).

A historiadora Regina Weber, em seus estudos sobre migração, afirma que a sua pesquisa mostrou:

A frequente geração de preconceitos que se dá sem demora quando migrantes aportam em lugares onde existem grupos sociais já instalados; entretanto, ela também enunciou que as populações que migram podem atrair dois sentidos: um positivado, calcado na ideia de “pioneiro”, e um negativado, que remete a migrantes pobres, com frequência considerados como uma população indesejada (Weber, 2018, p. 13).

Sendo assim, a rejeição e preconceito contra esses migrantes nordestinos ao mesmo tempo a reverberação das origens europeias do Estado, através dos colonos imigrantes, estabelece uma possibilidade de comparação quanto à visão dos contemporâneos sobre o processo de deslocamento de território, assim como oferece o entendimento de que para além dessa mudança de Estado, posição política e origem são fatores passíveis de cruzamento para entender o preconceito.

O professor Lineu Norio Kohatsu, citando as contribuições teóricas de Adorno (1965) e Crochík (2013), expressa que elas “auxiliavam na compreensão da xenofobia como um fenômeno social, que tem em sua base o preconceito e que este, por sua vez, é reforçado pela ideologia patriota, fascista e etnocêntrica” (Andrade; Kohatsu; Saito; 2021, p. 127). É o caso de Santa Catarina, cuja xenofobia contra migrantes nordestinos anda rente com o posicionamento político da maioria das pessoas do nordeste. Então, se estabelece a construção do ‘etnocentrismo’ do Estado, conjuntamente com a construção do ‘outro’ e a crescente desumanização deles, como que um empecilho no caminho do sucesso dos brancos (Della Flora, 2024, p. 40) - do Estado de Santa Catarina e até do país.

O discurso do ‘sucesso’ econômico catarinense se calca, também, porque há a crença do pioneirismo e do espírito empreendedor dos imigrantes brancos (Ibidem, p. 38). Em um fala durante a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), da Câmara dos Deputados, a parlamentar catarinense Julia Zanatta proferiu as seguintes afirmações:

Santa Catarina não é igual ao Maranhão, por exemplo, aliás o meu Estado de Santa Catarina tem mais gente com carteira assinada do que no Bolsa Família, ao contrário do Maranhão que tem mais gente no Bolsa Família do que com carteira assinada. Com essa minha frase aqui eu tenho que cuidar, porque outro dia o ministro da comunicação [Paulo Pimenta] disse que essa minha frase era xenofóbica. Agora falar a verdade virou crime [começa um tumulto na plenária] Por isso que vocês querem censurar gente, porque vocês não aguentam a verdade. Santa Catarina dá certo, Santa Catarina dá certo (Campos, 2024).

A comparação entre Santa Catarina, coincidentemente ou não, com outro estado do Nordeste, o Maranhão, expressa nas entrelinhas a manutenção da ideia de sucesso atrelada ao espírito trabalhador do povo catarinense. Quando a deputada sugere que o estado catarinense ‘dá certo’, depois de mencionar que o mesmo tem mais pessoas com carteira assinada do que recebendo auxílio do programa Bolsa Família, está no não dito a essência do povo laborioso presente em Santa Catarina.

Para além de um viés racial, que se constrói nessas falas xenofóbicas, a citação de um estado nordestino e de um programa como o Bolsa Família - criado pelo primeiro governo

Lula em 2003 - não parece estar ao acaso. A tentativa de deteriorar o estado maranhense por ter mais gente que recebe auxílio do Bolsa Família, cuja afirmação não faz sentido já que a pessoa pode ter carteira assinada e ainda assim ter o auxílio, denota esse jogo de forças políticas que se radicalizou no Brasil nos últimos anos.

O jornal ND+, em novembro de 2022, publicou uma matéria sobre cinco mulheres em Criciúma, Santa Catarina, que foram indiciadas por crime de xenofobia contra nordestinos. A notícia aponta que foram confiscados celulares, que continham conversas ofensivas às pessoas do nordeste, além de ameaças de violência contra eles. A matéria ainda contém uma declaração do delegado responsável pelo caso, Jorge Ghiraldo:

É bom que essas pessoas sofram qualquer sanção penal para evitar que futuramente esses discursos de ódio se prolonguem (...) o preconceito foi unicamente voltado para os nordestinos, nenhuma delas soube me explicar porque canalizaram ofensas só aos nordestinos e não para todos os que seguiram o mesmo viés político (Redação ND, 2022).

O fato das indiciadas não saberem porque apenas atacaram nordestinos - claro que dada a situação elas poderiam estar mentindo - e não outros grupos, sugere uma canalização do desprezo a essas pessoas, precisamente no período de ascensão da extrema-direita. O ódio ao diferente não necessariamente vem de características materiais dos grupos ‘adversários’, mas sim da maneira como os indivíduos preconceituosos - nas suas subjetividades - percebem esses grupos exteriores e o jeito que eles distorcem essas particularidades (Andrade; Kohatsu; Saito; 2021, p. 127).

Considerações finais

Apesar da proximidade temporal do tema do artigo, é possível fazer um aprofundamento das relações entre o presente e o passado. Christian Delacroix afirma que “a maioria dos historiadores hoje pensa, com efeito, assim como Lucien Febvre e Marc Bloch desde os anos 1920, que não se deve abandonar o presente às outras ciências sociais, ‘disciplinas do presente’, tais como, a ciência política, a economia ou a sociologia” (2018, p. 41). A História do Tempo Presente, na América Latina, se torna um centro de debate a partir da década de 1990 (Ibidem, p. 44), ainda que nas décadas anteriores houvesse uma grande suspeita sobre o estudo de acontecimentos recentes (Ibidem, p. 45).

A definição de ‘tempo presente’ provocou querelas de denominações entre os historiadores, no entanto, parto dos escritos de Delacroix onde ele explica que uma parcela de historiadores optou por definir o seu objeto:

“não somente pela expressão ‘tempo presente’, mas também por um outro critério de ‘recorte temporal’: a existência de testemunhas vivas’ [...] Essa definição não implica de modo nenhum que o recurso às testemunhas seja indispensável – ele é simplesmente possível –, mas seria uma especificidade dessa história, uma vez que o historiador pode ser confrontado com as reações e os comentários dos atores da história que ele estuda (p. 20).

A História do Tempo Presente de Santa Catarina pode abrir caminhos para a utilização das relações entre migração, identidade, trabalho e História, sobretudo com os usos políticos do passado. Justamente porque as testemunhas estão vivas, reverberando e contribuindo para a manutenção de certas ideias e memórias sobre o estado.

Por outro lado, a História do Trabalho no Brasil ganhou novos caminhos, com a superação da ideia de que trabalhador é sinônimo de sujeito branco - quase sempre estrangeiro (Lara, 1998, p. 32). A História do Estado de Santa Catarina sempre tomou como o ponto de partida da civilização o ‘homem branco’ (Goulart, 2007, p. 71) e a manutenção da ideia de europeidade, da essência de povo trabalhador, são concepções que corroboram com um discurso de exaltação do imigrante europeu - consequentemente dos seus descendentes - e da incapacidade de pessoas não brancas ao trabalho, a passividade dos demais brasileiros (Lara, 1998, p.29).

Nas matérias de jornal apresentadas, fragmentos da realidade, é possível entender como os posicionamentos políticos criam ou exacerbam pensamentos xenofóbicos, assim como a migração modifica as relações sociais entre grupos distintos. As falas preconceituosas contra migrantes nordestinos demonstra um caráter ‘regionalista’ acima de todo patriotismo, visto que, o caso da empresária de Itapema, citada anteriormente, manifesta que o posicionamento político de brasileiros nordestinos é motivo para instigar a não contratação deles para trabalhar em Santa Catarina.

Nas palavras do sociólogo Jessé Souza, a experiência brasileira de xenofobia contra nordestinos importa a lógica global de divisão do mundo entre dominadores e dominados para dentro do território. (2024, p. 196). O exemplo da recusa ao trabalho de nordestinos pode ser um, dentre vários, a respeito desse sentimento de distinção sócio-regional no Brasil.

Refletir e tentar reelaborar os acontecimentos recentes da História de Santa Catarina e do mundo:

exige o trabalho do conceito, ou seja, a elaboração abstrata e ideacional que reconstrói o mundo em pensamento enquanto uma realidade compreensível.

Isso é o que a ciência deve fazer [...] Ao se perceber a forma específica de legitimação de uma sociedade, saberemos todos os seus segredos, já que a legitimação tem que invisibilizar o privilégio injusto e animalizar e estigmatizar o oprimido (Souza, 2024, p. 68).

De certa forma, os discursos analisados neste artigo explicitam um pedaço de tentativa de legitimar violências, preconceitos e racismo sob a forma de divergência política. O nome deste último capítulo é ‘Considerações finais’, justamente porque na História do Tempo Presente, proposta aqui, a mudança é muito rápida, ela se refaz, reescreve, mediante revisões e correções. Não se trata de uma conclusão, mas de uma abertura de debate, como afirmou o historiador Paul Ricoeur (2003), citado pela historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2018), “a ‘história do tempo presente’ possui trunfos epistemológicos que permitem ao historiador estar atento ‘ao que permanece virtual no presente, ao que nele ainda está aberto ao possível’” (Ferreira, 2018, p. 88. apud. Ricoeur, Paul, 2003, p.).

Fontes

BIKEL, Diane. Mulheres são indiciadas por xenofobia contra nordestinos em Criciúma. NSC Total [online], Santa Catarina, 2022, Seção de Segurança. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mulheres-sao-indiciadas-por-xenofobia-contra-nordestinos-em-sc?form=MG0AV3>.

BORGES, Caroline. Governador de SC diz que cidade 'mais alemã do Brasil' se destaca pela cor das pessoas. G1, Florianópolis, 17 jan. 2025, sp. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2025/01/17/governador-de-sc-fala-pomerode-polemica.ghtml>

CAMPOS, Deny. Júlia Zanatta é acusada de xenofobia por fala sobre o Maranhão; deputada de SC rebate. ND+ [online], Santa Catarina, 25 abril 2024, Seção de Política. Disponível em: <https://ndmais.com.br/politica/zanatta-e-acusada-de-xenofobia-apos-falas/>

G1. Xenofobia contra nordestinos na época da eleição fez número de denúncias disparar na internet, mostra pesquisa. G1[online], São Paulo, 8 fev. 2021. Seção de Tecnologia. Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/02/08/xenofobia-contra-nordestinos-na-epoca-da-eleicao-fez-numero-de-denuncias-disparar-na-internet-mostra-pesquisa.ghtml>

REDAÇÃO ND. Cinco mulheres que ofenderam nordestinos após 1º turno das eleições são indiciadas em Criciúma. ND+ [online], Santa Catarina, 10 out. 2022, Seção de Segurança. Disponível em: <https://ndmais.com.br/seguranca/cinco-mulheres-que-ofenderam-nordestinos-apos-lo-turmo-das-eleicoes-sao-indiciadas-em-criciuma/>

Bibliografia:

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco. **A trajetória da extrema direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930 - 2012)**. In: Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, V Simpósio, 2013, LOCAL. Anais, gt. 9.

ANDRADE, Patricia Ferreira de; KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi. Imigração, mídia e xenofobia: a ameaça imaginária em questão. In: BORZUK, Cristiane (org); JUNIOR, Gil Gonçalves (org.); SILVA, Pedro Fernando da (org.). **Teoria Crítica, Violência e Resistência**. São Paulo: Bluchet, 2021.

ASSIS, Glaucia de Oliveira; CASSANINGA, Tafarel. **Nordestinos em Santa Catarina: o processo migratório da (re) produção social das cidades médias**. In: Encontro Nacional sobre Migrações, Trabalho e Gênero, 2021, Campinas. Anais.

BAENINGER, Rosana; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina: fases e contradições da inserção laboral**. In: Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas (SEPECH): Humanidades, Estado e desafios didático-científicos, XI Seminário, 27 a 29 jul. 2016, Londrina.

BLOCH, Marc. Introdução. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar. 2002.

BLOCH, Marc. Capítulo I: A história, os homens e o tempo. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar. 2002.

BLOCH, Marc. Capítulo II: A observação histórica. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar. 2002.

BLOCH, Marc. Capítulo III: A crítica. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar. 2002.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COHEN, Abner. The Lesson of Ethnicity. [1974] In: SOLLORS, Werner (ed.). Theories of ethnicity: a classical reader. NewAA York: New York University Press, 1996. p. 370-384.

COSTA, Lucas de Castro Itapoan da. Conservadorismo na cultura política de Santa Catarina: Reverberações da Era Vargas no tempo presente. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 17, 2023.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39–79, 2018.

DELLA FLORA, Ângela. **A branquitude e seus atravessamentos no ethos de ítalos e teuto-brasileiros: uma análise do fenômeno racial no oeste catarinense**. 2024. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 118-139. jul.-dez. 2011.

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. **Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920**. 2019. 325 f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

GERMINATTI, Fernando; SOUZA, Vanderlei. Eugenia e “questão racial” na Primeira República: uma análise a partir das publicações no jornal *Correio Paulistano* (1910-1920). **SÆCULUM - Revista de História**, João Pessoa,, v.27, n. 47, p. 96-118. jul/dez 2022.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Origem e crescimento do capital industrial (1880-1945)**. In: Formação econômica de Santa Catarina. Florianópolis: Editora UFSC, p. 67-137, 2007.

HEINSFELD, Adelar. **Fronteira Brasil/Argentina:a questão de Palmas de Alexandre Gusmão a Rio Branco**. São Paulo: Méritos, 2007.

KLUG, João. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 16, n.24, p. 111-127. out. 1998.

LARA, Silvia Hunold. **Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil**. Projeto História, São Paulo, nº 16, pp. 25-38, 1998.

LIMA FILHO, Henrique Espada R. **Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX**. Comunicação apresentada no II Jornada Nacional de História do Trabalho, Florianópolis. 'TOPOI, v. 6, n. 11, jul.-dez. 2005, pp. 289-326.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas**. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

MARCHESE, Laura Ricardo. **Imigração em Santa Catarina**: analisando os desafios do atendimento ao imigrante na rede socioassistencial. 2020. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios & procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005.

OSÓRIO, Paulo Sérgio; ZANELATO, João Henrique. Inventário historiográfico e construção identitária em Forquilha-Santa Catarina. **Dimensões**, Vitória, v. 34, p. 404-435, 2015.

OTTO, Clarícia. **As cicatrizes da emigração**. In: RADIN, José Carlos (Org.). Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens. Joaçaba: UNOESC, ed.1, v. 01, p. 225-242. 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, 2005.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naíra. **Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed Ulbra, 1994.

SILVA, Kelen Vanzin Moura da. Discursividade da Extrema-Direita brasileira no poder. In: SILVA, Eliane Cristina da; PEREIRA, Márcio José; NEVES, Ozias Paese (org.). **Experiências de exceção no pós-ditadura**. Maringá: Edições Diálogos, 2021, cap. 9. p. 87-99.

SILVA, Thiago Luiz da. **Imigração e migração**: a colonização italiana no sul e oeste catarinense. 2010. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos**, CEBRAP, n. 97, p. 23-40, nov. 2013.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita**: a vingança dos bastardos. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

TORMENA, Adriano. **Redes e Agenda política**: uma análise do movimento “o sul é meu país”. 2018. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

WEBER, Regina. Pesquisas sobre migrações e etnicidades: conhecimento sobre identidades coletivas. **Revista História**, São Paulo, v. 37, 2018.

WOLFF, Cristina S. Como se forma uma boa dona de casa. *In*: MORGA, Antônio. (org.). **História das mulheres de Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, p. 158-180. 2001.

WOLFF, Cristina S.. Índias e Brancos no Sul do Brasil - reflexões sobre a memória e a construção de identidades. *In*: LEITE, Renato Lopes (Org.). **Cultura & Poder: Portugal - Brasil no século XX**. Curitiba: Juruá , p. 37-51. 2003.